



PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 200

A QUESTÃO DE GÊNERO: UM BREVE ESTUDO NO ESTUÁRIO AMAZÔNICO

Christian Nunes da Silva
Ligia T. L. Simonian

Belém, Dezembro de 2006

O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

Papers do NAEA - Papers do NAEA - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



Universidade Federal do Pará

Reitor

Alex Bolonha Fiúza de Mello

Vice-reitor

Regina Fátima Feio Barroso

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

Diretor

Edna Maria Ramos de Castro

Diretor Adjunto

Thomas Hurtienne

Conselho editorial do NAEA

Armin Mathis

Luis Aragon

Francisco de Assis Costa

Oriana Almeida

Rosa Acevedo Marin

Sector de Editoração

E-mail: editora_naea@ufpa.br

Papers do NAEA: Papers_naea@ufpa.br

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 200

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

A QUESTÃO DE GÊNERO: UM BREVE ESTUDO NO ESTUÁRIO AMAZÔNICO¹

Christian Nunes da Silva

Ligia T. L. Simonian

Resumo:

Este Paper tem por objetivo discutir sob bases teóricas e práticas os modos de vida e a importância de se valorizar o trabalho feminino na Amazônia, com enfoque principal na ilha Trambioca, Barcarena, estado do Pará. Esta problemática implica em uma relação entre gênero e desenvolvimento. Para a sua produção, alguns procedimentos foram seguidos, tais como: pesquisas bibliográficas, trabalhos em campo e reuniões de sistematização de dados, o que revelou questões centrais desde o trabalho “duro” e silenciado dos seringais quando do *boom* da borracha (*Hevea brasiliensis* – EUPHORBIACEAE) (SIMONIAN, 2001), até às influências e/ou heranças que norteiam a atual estrutura social, política, econômica e cultural local. E esta proposta é de suma importância para a elucidação de fatos que ocorreram/acontecerem sobre gênero e desenvolvimento na região.

Palavras-Chave: Gênero. Estuário Amazônico. Barcarena/PA.

¹ A pesquisa a partir da qual este trabalho se tornou possível, iniciou com o apoio do Projeto NAEA/FFORD e de uma bolsa de iniciação científica, neste caso financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob orientação da co-autora Prof^ª. Dr^ª. Ligia T. L. Simonian do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA)/Universidade Federal do Pará (UFPA).

1 INTRODUÇÃO

Este Paper tem por objetivo discutir sob bases teóricas e práticas os modos de vida e a importância de se valorizar o trabalho feminino na Amazônia, com enfoque principal na ilha Trambioca, Barcarena, estado do Pará. Esta problemática implica em uma relação entre gênero e desenvolvimento. Para a sua produção, alguns procedimentos foram seguidos, tais como: pesquisas bibliográficas, trabalhos em campo e reuniões de sistematização de dados, o que revelou questões centrais desde o trabalho “duro” e silenciado dos seringais quando do boom da borracha (*Hevea brasiliensis* – EUPHORBIACEAE) (SIMONIAN, 2001), até às influências e/ou heranças que norteiam a atual estrutura social, política, econômica e cultural local. É esta proposta é de suma importância para a elucidação de fatos que ocorreram/acontecem sobre gênero e desenvolvimento na região.

Os estudos referentes a gênero² e o trabalho das mulheres amazônidas foram por muito tempo deixados de lado pelos debates antropológicos e demais ciências sociais. Entretanto, encontrou-se evidências e interpretações importantes acerca dessas realidades na produção intelectual, a exemplo de passagens e/ou imagens em textos de exploradores, viajantes, cientistas naturais, em obras de arte etc. (ÁLVARES, 1995; DEL’PRIORI, 1995; MURARO, 1995; SIMONIAN, 2001). Trabalhos mais recentes como os de Simonian (2005) e Wolff (1999), dentre outros, vêm tratando dessa questão no que diz respeito à Amazônia. Fatos novos complementam os estudos, como o de Pedroso (2003) e o de Simonian (2003), acerca da família e/ou o papel das mulheres nas últimas décadas nessa região.

Precisamente, questões como famílias compostas por homossexuais, direitos da mulher e da família, prostitutas como principais líderes familiares ou uma maior ênfase quanto ao papel da mulher como líder familiar (PEDROSO, 2003; SIMONIAN, 2003) são problemáticas e bem mais diversificadas que o papel das mulheres como genitoras apenas. De fato, em que pese condições muito adversas, as mulheres amazônidas vêm se mobilizando, especialmente no que se refere ao desenvolvimento, notadamente quanto a seu aspecto econômico, mas também quanto a outras realidades.

Na ilha Trambioca,³ não se observou um domínio masculino exacerbado, porém, as mulheres ainda são tidas como simples “figurantes” ou “ajudantes” nas principais atividades de reprodução social, produção e comercialização. Isso está a ocorrer mesmo que elas tenham um papel similar ou até mais destacado do que o dos homens no cotidiano ilhéu (SIMONIAN, 2005a, 2004). Mas, muito mais

² Neste trabalho, não há ênfase direta à concepção de gênero de vida segundo La Blache (1954), onde este conceito deve ser entendido segundo a íntima relação existente entre o modo de produção e os aspectos culturais que envolvem as sociedades, a relação homem-natureza e seus aspectos culturais. A questão de *gênero* deve ser aqui entendida segundo as concepções da relação homem-mulher e na interação destes atores com o ambiente.

³ Uma pesquisa de 2001 revelou que entre a população local havia cerca de 54% homens e 46% de mulheres (SILVA, ALBUQUERQUE, 2004).

precisa ser investigado e analisado em torno da influência feminina quanto a tais fazeres, notadamente nessa região. Uma tal realidade, por certo, tem implicações na organização do espaço e em especial na humanização da paisagem.

Estudos anteriores evidenciam que desde seus primórdios, as sociedades de coleta, agropastoris, industriais e contemporâneas mantêm relações de caráter patriarcal que submetem as mulheres à subserviência. Assim, como nas sociedades antigas, as contemporâneas caracterizam-se, em geral, por apresentar uma organização baseada no patriarcado (MURARO, 1995). Mas, como ressalta essa mesma autora, nas culturas matricêntricas, o homem é percebido como um elemento marginal e, a noção de matriarcado⁴ nada mais é que uma projeção masculina sobre uma estrutura feminina de poder muito diferente da atual.

Destarte, importa que se questione a importância das relações de gênero no contexto de desenvolvimento entre as comunidades⁵ da Amazônia. No caso da Trambioca, que historicamente vem sendo impactada pelos processos coloniais e neocoloniais principalmente a partir de Belém do Pará enquanto centro político regional (SIMONIAN, 2004), tem-se ultimamente a implantação de projetos de naturezas diversas. Dentre estes, tem-se um incremento da atividade pesqueira, transformações no âmbito do manejo de açaí, das ações educacionais e de serviços turísticos, estes principalmente nas áreas de praias.

A pesquisa feita na Trambioca requereu um esforço, que implicou no uso de recursos metodológicos diversos. Praticamente, em 2001 nada se encontrou em termos de produção acadêmica sobre a relação gênero/desenvolvimento. E muito pouco se encontrou quanto a outros registros, a exemplo de documentos, mapas, fotos etc. Fez-se um trabalho de campo envolvendo aportes da antropologia – observação participante, entrevistas –, da história oral, da estatística, da cartografia e da documentação fotográfica⁶. Ainda, realizou-se no dia 14/04/2001 o I Encontro de Mulheres da Ilha Trambioca (SILVA, ALBUQUERQUE, 2004; SIMONIAN, 2004), além de uma participação na I Conferência Internacional sobre Gênero na Amazônia, em 2002. Essas pesquisas e eventos mostraram a importância quanto à troca de experiências e à discussão do papel da mulher na sociedade e em especial nessa ilha.

Desse modo, o que se tenta é uma sistematização do material levantado em campo e uma análise com base na documentação e na produção bibliográfica pertinente. Tem-se, a seguir, uma apresentação dos dados sobre a contribuição da mulher para o modo de vida na ilha, o que é seguido de uma discussão e de conclusões sobre essa problemática. Esses estudos sugerem que apesar das muitas transformações que vêm ocorrendo, as ilhas da Trambioca e, em geral, as mulheres

⁴ Uma sociedade governada pelas mulheres.

⁵ Usa-se desde este ponto o conceito de comunidade de modo crítico, pois dificilmente as realidades a que o mesmo se sugere implicam em comunhão de esforços (SIMONIAN, 2005b).

⁶ Para maiores detalhes sobre a metodologia então utilizada e acerca da documentação fotográfica e de outras imagens acerca dessa ilha, ver especialmente Simonian, 2005a e 2004.

amazônidas têm muito a fazer no sentido de melhorar a sua condição de vida, principalmente em termos de capacitação, produção de renda e lazer.

2 A QUESTÃO DE GÊNERO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A questão de *gênero* deve ser aqui entendida segundo as concepções da relação homem-mulher e na interação destes atores com o meio ambiente, pois “[...] toda sociedade humana conhecida tem uma divisão sexual do trabalho e uma conseqüente diferenciação dos papéis masculino e feminino” (ROSSINI, apud SANTOS, SOUZA, 2002, p. 6). Assim sendo, toda e qualquer relação de gênero supõe uma relação de poder, onde um dos atores envolvidos será subjugado. A partir dos ensinamentos de Simonian (2001), há de reconhecer-se, ainda, que os assuntos inerentes às questões de gênero refletem uma estrutura hierárquica imposta pela sociedade, o que implica relações de poder permeando os contextos de desenvolvimento.

De fato, estas relações se manifestam tanto em espaços como em tempos variados, o que se reflete nas experiências de homens e de mulheres, todas construídas histórica e culturalmente. Por sua vez, mudanças ocorridas nas últimas décadas no contexto global produziram uma maior “visibilidade” às atividades femininas, tanto em termos ambientais como socioeconômicos e político-culturais (LEACOCK, [1976] 1981; NASH, 1975). A Organização das Nações Unidas (ONU), especialmente com a “década da mulher” e as conferências internacionais impulsionaram a discussão, as políticas e as ações quanto à relação gênero/desenvolvimento, mesmo que quase tudo ainda este por ser realizado (SIMONIAN, 2001). Isso é bem verdade, principalmente a pensar-se em uma democratização das relações de gênero e em um desenvolvimento que implique em sustentabilidade.

No entender de Cope (2002), existe uma exaltação dos papéis exercidos pelos homens em detrimento do papel exercido pela mulher na sociedade,⁷ este último considerado como menos importante. A partir desta análise, a autora afirma que de um lado (da mulher) existe a opressão, e que de outro (do homem) existem os privilégios; nestes termos:

Gênero influencia os modos que as pessoas experimentam o mundo, interagem com os outros, e que oportunidades ou privilégios estão abertos ou fechados a eles. Um dos elementos mais importantes de relações de gênero é o modo que eles solidificam hierarquias e relações de poder em uma sociedade, por vários meios de, em uma mão, opressão (violência, discriminações, marginalização) e, no outro, privilégio (preferências, favores, poder sobre os outros) (COPE, 2002, p. 45).

A problemática acerca das relações de gênero e desenvolvimento vem preocupando muitos pesquisadores, como D’Incao (1997), Maneschy (1994), Sales (1995), Simonian (2001) e Wolff

⁷ Algumas situações chegam a ser tão grave, como afirma Bondi (2002), que pode existir uma *misoginia*, ou seja, desprezo ou aversão às mulheres e ao trabalho destas.

(1999), que orientam seus estudos para a situação socioeconômica das famílias que vivem no espaço amazônico, com enfoque para o papel das mulheres locais.

Uma apreensão preliminar na paisagem da ilha Trambioca aponta uma realidade comum às populações ribeirinhas de outras áreas ou regiões (WAGLEY, 1988), um aspecto aparentemente generalizável. Como se sabe, a Amazônia se trata de um ambiente onde as relações econômicas se fazem em torno dos rios e florestas, donde retiram seu sustento, com ênfase nos peixes, que são comercializados em localidades e cidades próximas ou utilizados na subsistência das próprias famílias (FURTADO, 1993; MANESCHY, 1994; SIMONIAN, 2005a, 2001). Estas são, sem dúvida, práticas freqüentes também nessa ilha, em que a divisão sexual do trabalho é aparente, porém com menor força e discriminação do que em outras sociedades.

Na análise que Bondi (2002) faz ao estudar os espaços ocupados por homens e mulheres na sociedade, verifica-se que estas últimas estão ocupando espaços no mercado de trabalho, ocupados anteriormente somente por homens. Esta realidade aplica-se em todos os países e em todas comunidades, independentemente de aspectos étnicos ou de religião. O domínio do gênero masculino – principalmente antes da década de 1970 –, mostra-se para os dias atuais uma ideologia arcaica, notadamente ante à necessidade da entrada da mulher no mercado de trabalho tornar-se fundamental para a subsistência familiar, tanto em comunidades industriais, como agrícolas e extrativistas.

O embate entre os gêneros, mais enfatizado com os movimentos feministas, que reivindicavam os direitos da mulher à educação, trabalho e poder político, tem menos força no período atual, onde a mulher, além das reivindicações da concretização dos direitos adquiridos, busca também uma maior visibilidade no mercado de trabalho. É impossível negar o importante papel da mulher nesse mercado, pois é visível o aumento estatístico quanto ao gênero feminino enquanto força de trabalho, quando comparado com os números da participação dos homens no período de 1973 até 1994. Como Castells (2001) demonstra a respeito, onde a participação da mulher aumentou, a participação do homem diminuiu, levando-se em consideração diversas ocupações em vários países do mundo.

O mesmo autor observa que a diminuição da força de trabalho masculina é pequena, para o período de 1973-1994 nos países analisados, como por exemplo, no Reino Unido onde a diminuição da participação da força de trabalho dos homens foi de 93% para 81,8% (CASTELLS, 2001). No geral, nos países estudados, a participação média masculina caiu de 88,2% para 81,3%. Todavia, pode-se notar que o aumento da força de trabalho feminina é significativo para o mesmo período e para os mesmos países analisados anteriormente. Precisamente, a participação média das mulheres enquanto trabalhadoras subiu de 48,3% em 1973, para 61,6%, em 1994.

Países como os EUA tiveram uma participação da mulher como força de trabalho de 51,1% para 70,5%, um aumento expressivo da importância da mulher em todos os setores do referido país, o que não é diferente quando se analisa esta importância para outros países enfocados. Esses dados

ilustram que situações e/ou funções antes desiguais entre homens e mulheres, demonstram uma relativa estabilidade de 1973 até 1994 na análise de participação da força de trabalho. Situações estas que tendem a beneficiar mais, ora o homem, ora a mulher. É importante notar que o homem ainda é o maior beneficiado pela sociedade em geral. Essa afirmação se torna evidente quando analisadas pesquisas que relacionam o salário/renda de mulheres e homens em uma mesma função e que são, na maioria das vezes, maior para esse último ator.

Em todos os contextos produtivos as mulheres têm sido invisibilizadas (BONDI, 2002) e silenciadas, conforme demonstrado para a Amazônia brasileira por Maneschy (1994) e Simonian (2001). Em seu trabalho sobre a análise do tempo do pescador, Nascimento (1995) analisa o tempo executado pelas mulheres, sendo que este, variavelmente não percebido, é repleto de afazeres durante todo o período do dia e não somente nos horários relacionados com a atividade pesqueira. As atividades femininas ficam dispostas de maneira que elas executam diversas outras ocupações.

Dentre estas, tem-se o de cuidar dos filhos, da casa, da manutenção dos equipamentos de pesca e também de uma pesca realizada em pequena escala nos rios e igarapés; diante desta realidade, Nascimento (1995) afirma que:

O tempo dos homens é unicentrado, dedicado com exclusividade ao trabalho pesqueiro, enquanto o das mulheres é dividido entre as várias tarefas, dos trabalhos domésticos à pesca. O tempo é um ponto importante [...] já que é a exclusividade da atividade pesqueira que confere ao homem a identidade de pescador, enquanto a mulher, mesmo pescando efetivamente, fica, na maioria dos trabalhos sobre o tema, na “invisibilidade” (NASCIMENTO, 1995, p. 16).

E, ao referir-se às populações ribeirinhas na Amazônia, Furtado (1993) descreve a pesca e a agricultura para os trabalhadores envolvidos, como:

Estes, vivendo de uma multiplicidade de atividades, configuram o que tenho chamado de *pescadores polivalentes*. Adaptaram-se às condições da sazonalidade nas quais estão envolvidas todas as atividades por eles praticadas, tais como a pesca de subsistência e comercial, a coleta de produtos silvestres, a agricultura de roçados, o cultivo da juta e alguma caça (FURTADO, 1993, p. 251).

Para tais mulheres, o fato acima não poderia ser diferente, pois a *agricultora-pescadora*, está constantemente realizando a agricultura de hortas, roçados ou de quintais.

O papel das mulheres foi muito bem analisado por Maneschy (1995), quando fez sua observação acerca da atividade feminina em uma região similar à Trambioca, ou seja, em Ajuruteua, Pará, onde verificou que:

As mulheres, de uma maneira geral, ocupam-se das tarefas domésticas, tal como visto em Ajuruteua, conformando-se ao “modelo ideal” de divisão do trabalho entre os sexos que vigora nessa e em outras comunidades pesqueiras. [...] nesse aspecto, as mulheres têm um papel decisivo, ocupando-se das criações e plantações domésticas. Note-se aquelas que, habitando na periferia, fabricam carvão para uso da casa e, também, que seus companheiros levam para cozinhar a bordo. As que vieram do interior podem produzir farinha de mandioca, um dos itens essenciais da alimentação local (MANESCHY, 1995, p. 154).

Assim sendo, aspectos similares são observados na ilha Trambioça.

Mesmo as pescadoras de camarão, que dedicam muito tempo na preparação de instrumentos de pesca e na captura propriamente dita, no mais das vezes são elas as responsáveis únicas pelo trabalho doméstico, principalmente porque muitos de seus maridos se ausentam por períodos longos para a realização de sua atividade. Simonian (2005/no prelo), “Essas pescadoras de camarão se encontram espalhadas por toda a ilha, notadamente, nas áreas costeiras e dos igarapés que se adentram pelo seu interior. E, como a pouco posto, elas vivem, na maioria, junto aos igarapés Pau Grande e Guajará da Costa, ambos localizados na parte ocidental dessa terra ilhoa [...]”. E diz mais a mesma autora: “[...] as que já têm experiência quanto a essa prática sócioambiental detêm um conhecimento refinado a respeito, bem como um domínio sobre a tecnologia respectiva” (SIMONIAN, 2005/no prelo). Mas como estão essas trabalhadoras da pesca e de outras tantas atividades quanto à organização?

3 O PAPEL DA MULHER NO ESTUÁRIO AMAZÔNICO: ESTUDO DE CASO NA ILHA TRAMBIOÇA

Na Trambioça, os papéis desempenhados pelas mulheres são similares em todas as comunidades, tanto nos ambientes em que a várzea predomina, quanto nos ambientes em que a terra-firme é predominante. Este aspecto, deriva do fato de que os espaços entre terra-firme e várzea, não são longínquos, dependendo o sustento familiar da ocupação de ambos os ambientes. Como exemplo, pode-se citar os roçados⁸ realizados na terra-firme e os feitos na várzea, entretanto, os moradores tendem a se estabelecer mais na várzea devido à proximidade da água.

A mulher realiza na várzea atividades como a extração de frutos – com destaque para o açaí e a pesca, sendo esta última realizada em pequena escala e envolvendo peixes e camarões. Na terra firme as atividades femininas direcionam-se mais para agricultura de roçado e a criação de animais de pequeno porte – patos (fam. dos ANATÍDEOS), galinhas (*Gallus gallus*), porcos (ord. dos ARTIODÁCTILOS, não ruminantes) e perus (*Gallipavo meleagris*) etc. (SIMONIAN, 2004). Porém, é na várzea que as atividades se intensificam devido os meios de transportes mais utilizados na ilha dependerem das vias fluviais. Contudo, em ambos os ambientes, várzea e terra-firme, as atividades principais das mulheres ainda são a criação dos filhos e as atividades domésticas.

Atualmente, o trabalho direcionado para o turismo está ganhando ênfase na Trambioça (SIMONIAN, 2004; ver também SIMONIAN et al., nesta coletânea). Nos períodos de férias escolares, ou feriados, a tendência das populações das cidades próximas é visitar turisticamente as praias

⁸ Geralmente, nos roçados são plantadas culturas temporárias, como mandioca, abóbora, etc.

existentes na ilha. Então, nesses períodos é comum encontrar as mulheres ocupando-se de atividades comerciais como a venda de frutas, mariscos, bebidas e comidas e confeccionando artesanato para os turistas. O turismo, embora incipiente, tem demonstrado ser mais uma forma de geração de renda para as famílias.

Na Trambioca, na arte haliêutica, deve-se levar em consideração não somente o peixe, mas também a pesca do camarão, que é capturado com a utilização do matapi,⁹ realizada por várias famílias que a direcionam principalmente ao consumo, pois esta pesca vem decaindo com o decorrer dos anos pela escassez do camarão (SIMONIAN, 2005a, 2004). Ainda, há de se atentar para o fato do papel das mulheres na captura do camarão, pois nada deixam a desejar no desempenho dessa atividade, mesmo em comparação ao envolvimento dos homens nesse mesmo trabalho (SILVA, 2003; SIMONIAN, 2005a). Algumas dessas trabalhadoras são associadas na Colônia de Pescadores de Barcarena, na Zona de Pesca 13 – CP Z-13, chegando a receber o seguro desemprego e há até casos de aposentadoria feminina intermediados por essa Colônia.

Segundo informações obtidas junto à CP Z-13 (Raimundo Rodrigues, 2001¹⁰), para um número de 220 associados ativos, 40 são mulheres, ou seja, demonstra-se um número menor de mulheres sócias se comparado ao número de homens, porém, as pescadoras mantêm-se efetivamente em dia no pagamento da mensalidade, o que não ocorre como os sócios do gênero masculino. E, como demonstrado recentemente por Simonian (2005a), são as mulheres que estão se empenhando mais no sentido da organização com vistas à superação dos entraves que essa modalidade de pesca impõe.

Como em outras comunidades amazônicas, na ilha Trambioca, a atividade pesqueira de longa duração na baía e em alto mar, é exclusividade dos homens, sendo deixada ao encargo das mulheres a pesca de curta duração nos rios e igarapés. O preparo dos peixes extraídos da baía do Marajó, além da manutenção dos quintais, roçados e a criação de animais de pequeno porte, como os anteriormente referidos, soltos em volta da casa onde a alimentação consiste em restos de comida e sementes de palmeiras (MAUÉS, 1999), também se configuram como atividades femininas. A criação destes animais, além de fazer parte da dieta alimentar é uma espécie de poupança, pois os animais podem ser vendidos a qualquer momento no próprio local de moradia para turistas ou nas cidades mais próximas.

Nota-se que na Trambioca, assim como em outras comunidades da Amazônia, os habitantes também vivem do plantio e da coleta do açaí, do palmito e de outros frutos. Quanto à exploração do açaí, essa é uma prática quase que exclusivamente masculina, sendo responsabilidade das mulheres o preparo do suco da fruta para o consumo doméstico; ultimamente, com a introdução de máquinas movidas a energia, os homens também tendem a participar dessa tarefa (SIMONIAN, 2004, n. c.).

⁹ Tipo de “armadilha” na qual os camarões ficam impossibilitados de fugir, o que facilita a captura e após esta, o aprisionamento dos camarões em outro tipo de cesto, conhecido como *viveiro*, também confeccionado com as mesmas espécies nativas do matapi.

¹⁰ Conforme comunicação pessoal do presidente da CP Z-13.

Nessa ilha, segundo Andrade (2004), inclusive estão aumentando os projetos de manejo dos açaiçais, tendo em vista uma conjuntura nova em termos de mercado.

As mulheres incrementam, muitas vezes, a renda familiar através do artesanato. Dentre esta produção, em comunidades similares às existentes na ilha Trambioca e na ilha do Marajó-PA (LIMA, 1998; SIMONIAN, SANTOS, LOPES, 2004), as mulheres têm se voltado à confecção de objetos de cipó titica (*Heteropsis jenmanii*), tala de jupati (*Raaphia taedigera*) e, atualmente, utilizam-se de novos materiais oriundos das cidades, como o fio de nylon, para a fabricação de chapéus, cestas e demais ornamentos, práticas herdadas da cultura indígena e adaptadas às realidades atuais (MOREIRA, ROCHA, 1995). Existe uma associação na ilha Trambioca, a dos Artesãos, Pescadores e Agricultores das Comunidades do Utinga-Açu e Carmelo (AAPACUAC), onde se pôde testemunhar a influência da mulher e seu desempenho enquanto sócia efetiva¹¹.

Essa associação é recente e se insere na linha do associativismo exigido pelo sistema econômico-político global. Essa perspectiva tem sido promovida no sentido de garantir estruturas mínimas através das quais grupos diversos possam acessar recursos e que, por sua vez, tem se colocado como uma tendência que leva à fragmentação organizacional (ALMEIDA, 1994). Porém, independentemente dessas observações críticas, embora pertinentes, segundo seu estatuto a AAPACUAC é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 03 de janeiro de 2001 e em atividade até os dias atuais.

Outra associação influente na ilha Trambioca é o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Barcarena. O Sindicato tem estado presente na Trambioca desde meados da década de 1980. Nas pesquisas realizadas, observou-se um maior número de sócias mulheres, chegando ao número de 170 associadas para 150 homens, uma diferença considerável para um grupo de mulheres trabalhadoras na ilha (SILVA, ALBUQUERQUE, 2004). No entanto, como se depreende de Simonian (2004), estas muitas vezes se envergonham de mencionar seus envolvimento nos processos produtivos como, aliás, tornou-se público por ocasião do I Encontro de Mulheres da ilha, antes referido.

Fato atualmente já considerado inusitado na Trambioca é a presença de uma mulher que realiza partos – uma parteira –, sendo que seus conhecimentos são benéficos para todos os habitantes das localidades da ilha e vizinhanças. As atividades médicas, conforme conhecemos hoje, começam a intensificar-se no Brasil a partir do final do século XIX, porém, a obstetrícia era antes realizada somente por mulheres, as “parteiras”, que praticamente desapareceram com o passar dos anos em que os homens assumiram as atividades da medicina legal (DEL’ PRIORI, 1995). Este fato foi evidenciado durante a pesquisa de campo, em Jacarequara, com a parteira da comunidade, Dona Francisca.

Esta especialista continua trabalhando ativamente e atende as mulheres grávidas da ilha Trambioca ou de ilhas e localidades próximas. Pelo seu depoimento, ela nunca “perdeu” nenhuma

¹¹ Cerca de 33% de mulheres associadas para um número de 67% de homens associados.

criança que “segurou”; a mesma cobra pelo trabalho que faz, mas isso depende da situação financeira em que se encontra a parturiente, ou seja, o máximo que estava a cobrar em 2002 era R\$ 30,00 por parto (Dona Francisca, 2001¹²)¹³. Existem propostas de regularização da atividade de parteira como uma profissão em todo território brasileiro, principalmente em localidades em que não existam hospitais equipados para a realização de partos¹⁴.

A caça, atividade que ocorre mais na mata de várzea, esporadicamente é praticada por algumas famílias. Em muitas comunidades esta atividade é exclusivamente masculina e destina-se ao consumo doméstico, deixando-se para a mulher o trabalho de preparar a carne para o consumo próprio ou a comercialização (WOLFF, 1999). Nessa perspectiva, essa prática caracteriza uma aparente submissão feminina ao homem amazônida (ÁLVARES, 1994). No entanto, em outras localidades, muitas mulheres indígenas e caboclas também realizam atividades de caça voltadas para o consumo familiar, não sendo diferente na Trambioca (SIMONIAN, 2004, 2001). Nesta ilha, existe exemplo de caçadoras como é o caso da Sr^a. Cleusa Masoler, da comunidade de Guajarino¹⁵.

A Sr^a. Cleusa está morando há dez anos na comunidade de Guajarino, sendo oriunda do próprio município de Barcarena. Ela mora sozinha e trabalha com a pesca artesanal, possui embarcação e materiais próprios, pescando tanto na baía do Marajó, quanto nos igarapés que cortam a ilha utilizando malhadeiras e também pescando com matapi na captura do camarão. No momento em que não está pescando, ela cuida de uma pequena horta situada no quintal de sua casa, ou caça com arma de fogo, atividade pouco visualizada para a maioria das mulheres residentes na ilha. Pelo fato de possuir um certo “conhecimento formal” adquirido na escola e por ser há muitos anos filiada à CP Z-13, essa senhora apontou alguns problemas estruturais pelos quais vêm passando os pescadores. Exemplos dessa situação são a falta de peixes e a utilização de equipamento de pesca no período do defeso ou piracema, que compreende os meses de novembro a fevereiro.

Conforme posto anteriormente, no encontro de mulheres realizado na ilha Trambioca em 14.04.2002, notou-se a maneira inibida pela qual as mulheres demonstram seu papel nas comunidades. Nos primeiros contatos, elas em geral não reconheciam seus trabalhos especializados realizados quotidianamente (SIMONIAN, 2004), possivelmente em decorrência da grande importância socialmente atribuída ao trabalho dos ilhéus. Com isso não se quer afirmar que as atividades masculinas não sejam importantes, contudo os fazeres das mulheres precisam ser considerados como essenciais para o provimento às necessidades locais e para o incremento da produção regional.

¹² Conforme comunicação pessoal feita durante esse I Encontro.

¹³ Dona Francisca encontra-se ativa na prática de parteira e, segundo a mesma, seus ensinamentos poderão ser repassados futuramente para outra mulher da comunidade, possivelmente uma parenta sua.

¹⁴ Uma realidade similar pode ser observada na Amazônia, mais especificamente no estado do Amapá (Rede, 2002b).

¹⁵ D. Cleusa caça e pesca na comunidade em que é moradora e nas localidades próximas e, atualmente, aponta a falta de animais, devido, talvez ao consumo intenso e à caça indiscriminada e clandestina.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção escrita reduzida a respeito da relação gênero/desenvolvimento na ilha em estudo e as poucas pesquisas relacionando gênero e geografia, fizera com que o trabalho de campo se colocasse como essencial. O objetivo dos estudos sobre gênero é analisar, sempre, as possibilidades de incentivos à mulher para que sua contribuição seja cada vez mais visível na economia de subsistência e de mercado não só na Amazônia, mas em qualquer outra parte do mundo. Embora exista um maior número de homens na ilha há de se relativizar essa evidência, não só porque decorre de resultado de amostragem, mas também não comprovar, necessariamente, uma atuação socioeconômica feminina menos importante na Trambioca.

Além das observações em campo, das entrevistas e dos dados coletados via formulários, constatou-se que as mulheres têm uma atuação efetiva na produção e na administração das suas famílias, algo que o censo de 2000, recém comprovou (Rede, 2002). Entretanto, as atividades femininas são, algumas vezes, menosprezadas por elas mesmas, que não valorizam ou silenciam sobre seus fazeres cotidianos, na roça, na pesca, na caça, no artesanato ou nos chamados trabalhos domésticos, o que, aliás, é uma situação bastante freqüente entre trabalhadoras que vivem no meio rural. De fato, na Trambioca, elas se destacam na produção econômica local, mesmo que em muitas instâncias, como voluntárias.

A desvalorização do trabalho da mulher na Amazônia é uma constante, pois ela sempre aparece em segundo plano, notadamente no âmbito da família, como na criação das crianças ou nos demais afazeres domésticos. Pode-se observar um aumento significativo das mulheres no mercado de trabalho, não somente na Trambioca, mas em qualquer outra parte do mundo, sendo que elas têm conseguido se engajar em profissões ou ocupações antes consideradas somente masculinas. Este fato ajuda a refutar concepções de que existem atividades tidas como específicas de cada gênero. Atualmente, ante a necessidade e dificuldade de garantir a subsistência familiar, essas práticas se confundem, como se nunca tivessem existido antes.

A ilha Trambioca apresenta-se como reflexo de uma conjuntura maior pela qual o mundo vem passando no momento atual, o que tem implicado em um aumento do número de mulheres no mercado de trabalho e uma concorrência mais direta com os homens por melhores posições na sociedade. Contudo, ainda hoje se testemunha práticas de natureza patriarcal, a exemplo de crimes tendo as mulheres como principais vítimas, porém, elas mostram reações, resistências a tais atos, mas nem sempre de modo eficaz. Diante destas tendências, ocorre uma transformação de dogmas antigos quanto ao desprezo às mulheres, o que poderá ser superado, tanto por parte dos homens como daquelas, ainda que, algumas, mantenham uma visão que desmereça a sua participação na sociedade.

Referências

- ALMEIDA, A. W. B. de. Universalização e localismo: movimentos sociais e crise dos padrões tradicionais de relação política na Amazônia. In: D'INCAO, M. A.; SILVEIRA, I. M. da (Orgs.). *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém: MPEG, 1994. p. 521-538. (Coleção Eduardo Galvão).
- ÁLVARES, M. L. Miranda. Educação e (in) submissão feminina no Pará. In: D'INCAO, M. A.; SILVEIRA, I. M. da. (Org.). *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém: MPEG, 1994. p. 213-226. (Coleção Eduardo Galvão).
- ANDRADE, L. C. G. da. *Gestão ambiental e políticas públicas para o açáí: experiências na ilha Trambioca, Barcarena, PA*. 2004. 49 f. Monografia (Especialização em Gestão Ambiental) Núcleo de Meio Ambiente, Universidade Federal do Pará, Belém, 2004. (1ª. Versão).
- BÄSCHLIN, Elizabeth. Feminist geography in the german-speaking academy: history of a movement. In: MOSS, Pamela (Org.). *Feminist geography in practice: research and methods*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 25-30.
- BONDI, Liz. Gender, place and culture: paradoxical spaces? In: MOSS, Pamela (Org.). *Feminist geography in practice: research and methods*. Oxford: Blackwell, 2002.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade – a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- COPE, Meghan. Feminist epistemology in geography. In: MOSS, Pamela (Org.). *Feminist geography in practice: research and methods*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 43-56.
- DEL' PRIORI, Mary. *Mulher e trabalho no Brasil Colônia*. São Paulo: USP, 1995.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e modernidade na Amazônia. In: SANTOS, Eunice Ferreira dos et al. *A mulher e a modernidade na Amazônia*. Belém: GEPEM/CFCH/UFPA, 1997. p. 347-361.
- FURTADO, L. G. “Reservas pesqueiras”, uma alternativa de subsistência e de preservação ambiental: reflexões a partir de uma proposta de pescadores do Médio Amazonas. In.: _____; LEITAO, W; MELLO, A, F. (Orgs.). *Povos das águas: realidade e perspectivas na Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 1993. p. 243-276.
- LA BLACHE, Paul Vidal de. *Princípios de geografia humana*. 2. ed. [S. l.]: Cosmos, 1954.

LEACOCK, E. B. Women, development, and anthropological facts and fiction. In: *Myths of male dominance*. New York: Monthly Review Press. [1976] 1981. p. 310-316.

LIMA, Marta Goreth Marinho. *Estratégias de sobrevivência de pescadores do estuário do Amazonas*. 1998. Monografia (Especialização em Populações Tradicionais da Pan-Amazônia) Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 1998.

MANESCHY, M. C. Uma presença discreta: A mulher na pesca. In: D'INCAO, M. A.; SILVEIRA, I. M. da (Orgs.). *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém: MPEG, 1994. p. 251-258. (Coleção Eduardo Galvão).

_____. A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. *Boletim do Paraense Emilio Goeldi*, Série Antropologia, Belém, v. 11, n. 2, p. 145-166, 1995.

MAUÉS R. H. *Uma outra "invenção" da Amazônia: religiões, histórias, identidade*. Belém: CEJUP, 1999.

MOREIRA, E. S.; ROCHA, R. M. *Pesca estuarina: uma contribuição ao estudo da organização social da pesca no Pará*. Belém: MPEG, 1995. (Série Antropologia).

MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

NASCIMENTO, Ivete. Tempo da natureza e tempo do relógio – Tradição e mudança em uma comunidade pesqueira. *Boletim do Paraense Emilio Goeldi*, Série Antropologia, Belém, v. 11, n. 1, p. 5-18, 1995.

NASH, J. *Certain aspects of the integration of women in the development process: a point of view*. Paper presented at the United Nations' International Year of Women. New York, 1975.

PEDROSO, J. da S. *Famílias no vale do rio Jari: dinâmicas, mudanças e acomodações*. 2003. 355 f. Ilustrado. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido), Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

REDE BANDEIRANTES. Crescimento do índice das mulheres chefes de família. *Jornal da Band*. 17.03.2002a.

SALES, L. M. M. 1995. Criança: ofício de mulheres? In: ALVARES, M. L. M. e D'INCAO, M. A. (Org.). *A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. Belém: GEPEM/MPEG, 1995. (Coleção Eduardo Galvão). p. 155-163.

SANTOS, C.; SOUZA, M. Mulher x trabalho rural na agricultura canavieira do município de São Luiz do Quitunde - AL. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13, 2002, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa, 2002. 1 CD-ROM, 7 p.

SILVA, Christian Nunes da. **Modo de vida, gênero e meio ambiente na ilha Trambioca, Barcarena – PA**. 2003. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

_____. *Relatório técnico da pesquisa realizada na ilha Trambioca*. Destinado ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais e ao Projeto NAEA/FFORD. Belém, 2001.

_____; ALBUQUERQUE, A. M. Organização social: demografia, família, associativismo e participação política. In: SIMONIAN, L. T. L. (Org.). *Gestão de ilha de muitos recursos, histórias e habitantes: a experiência da Trambioca, Barcarena, PA*. Belém: NAEA / UFPA, 2004. p. 137-183.

SIMONIAN, L. T. L. Pescadoras de camarão: gênero, mobilização e sustentabilidade na ilha Trambioca, Barcarena, Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Série Antropologia, Belém, 2005a. No prelo.

_____. *Mulheres seringueiras do rio Aripuanã, estado do Amazonas: memórias, experiências atuais e perspectivas*. Manaus: SECULT-AM, 2005b. No prelo. II.

_____. Reflexiones sobre la familia en la frontera amazónica: idealizaciones y tendencias actuales. In: ROJAS, Patricia Tovar. (Org.). *Familia, género y antropología: desafíos transformaciones*. 2003. p. 396-442.

_____. *Mulheres da floresta amazônica: entre o trabalho e a cultura*. Belém: NAEA/UFPA, 2001. 270 p. Ilustrado.

_____; SANTOS, E. M. dos; LOPES, A.. Tendências recentes da economia na ilha Trambioca. In: SIMONIAN, L. T. L. (Org.). *Gestão de ilha de muitos recursos, histórias e habitantes: a experiência da Trambioca, Barcarena, PA*. Belém: NAEA / UFPA, 2004.

_____; (Org.). *Gestão de ilha de muitos recursos, histórias e habitantes: a experiência da Trambioca, Barcarena, PA*. Belém: NAEA/UFPA, 2004b. 380 p. il.

_____; (Org.). *Gestão socioambiental, políticas públicas e movimentos sociais na região do rio Jari, Amapá, Pará*. Belém: NAEA/UFPA, 2004a. No prelo.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988. (Coleção Reconquista do Brasil).

WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da floresta: uma história do alto Juruá, Acre (1890-1945)*. São.